

Tema da entrevista: Aprendizagem, linguagem e cognição.

Perguntas:

1- Relacione sobre a área de aprendizagem, linguagem e cognição.

Hoje, sabemos que a linguagem não é um elemento acessório no funcionamento do cérebro, como se acreditou por muito tempo. Não é apenas “mais uma coisa qualquer” que aprendemos ao longo da vida. Ao contrário, a linguagem é essencial para o funcionamento do cérebro e é a partir dela que as demais aprendizagens ocorrem. Sem um componente linguístico bem desenvolvido quando a pessoa ainda é criança, ou seja, na época adequada (até os 10 anos, mais ou menos, sendo que os primeiros 6 anos são mais cruciais e determinantes), a pessoa terá dificuldades de aprendizagem por toda a vida. Logo, hoje sabemos o desenvolvimento correto da linguagem na época adequada é algo muito mais importante do que acreditávamos há 30 anos.

2- Quando e como você se interessou por essa área de pesquisa?

Quando menino. Uma vez, quando eu tinha meus 12 ou 13 anos, tive uma briga com o professor de religião da escola porque eu dizia que a linguagem era mais importante que a religião e ele dizia o contrário. Ele ficou com tanta raiva de mim que me mandou para fora da sala... rrsrrsrrsrrs. Meu primeiro livro sobre a importância de linguagem para o desenvolvimento da mente foi escrito quando eu tinha 19 anos. Mas, é claro que, naquela época, não sabíamos nem 10% do que sabemos hoje sobre a linguagem. Entretanto, eu já estava metido nessa briga. Ou seja, é um amor de adolescente...

3- Como era a realidade do ensino quando você começou a pesquisar sobre Aprendizagem, linguagem e cognição e quais as mudanças que vem ocorrendo?

Para ler, o único caminho era a Biblioteca. A gente contava com o que a universidade comparava e não era muito... Revistas científicas eram um luxo! Só havia umas poucas assinaturas, e tudo em português. Só quando entrei no Mestrado na Unicamp foi que consegui pegar uma revista científica estrangeira para ler. Não havia tomografia computadorizada (hoje, essencial para os estudos da neurologia) e a tecnologia disponível era muito rudimentar, se comparada à de hoje. Ou seja, a gente ralava dez vezes mais para aprender 10 vezes menos. Mas, a gente se esforçava tanto que acabava compensando. Por

outro lado, hoje o mundo está na palma de nossas mãos e muita gente despreza essa facilidade. Uma pena!

4-Em tempos de pandemia a única solução para a continuação das aulas é através do meio virtual. Há diferenças cognitivas no processo de aprendizagem em sala de aula e virtualmente?

Sim, há. Existem pesquisas que mostram que há diferença até na leitura no papel e na tela do computador/celular. O corpo humano sempre reage de formas diferentes a estímulos diferentes. Além disso, a EaD exige uma disciplina pessoal que a grande maioria dos brasileiros não tem. O sistema EaD é ótimo para quem tem disciplina pessoal, mas isso é raridade no Brasil. Por isso, a maioria dos alunos têm dificuldade no aprendizado EaD aqui, mesmo que o professor faça material específico. Ou seja, no que se refere aos temas escolares, o brasileiro - em geral - aprende melhor na presença do professor do que sozinho no quarto.

5- A tecnologia tem uma grande importância hoje na vida do indivíduo, porém há muitos prós e contras, e com o ensino a distância hoje, as divergências aumentaram. Qual sua opinião a respeito dessa situação?

Nenhuma forma de ensino pode substituir a forma presencial, o “olho no olho”, a cumplicidade que a presença dos alunos e dos professores em uma sala proporciona. Porém, estamos em uma situação de “guerra”, uma situação emergencial e excepcional. Então, temos que recorrer ao que temos, mesmo que não seja o ideal. Alguns aprenderão mais, outros menos. Isso dependerá mais do indivíduo do que do professor. Porém, devemos encarar isso como uma fase transitória. Até quem aprender menos estará, ainda assim, aprendendo algo, e isso é melhor do que nada. Em breve, creio, voltaremos para a forma ideal e nem lembraremos mais desse interstício trágico.

Deixe uma mensagem para professores e alunos nesse tempo tão conturbado.

No mundo capitalista, aprendemos uma lição terrível e funesta e doentia de que “pessoas se atrasam na vida”, de que “tempo é dinheiro”, de que estamos parados na quarentena e que isso está “nos atrasando”. Eu queria muito que as pessoas entendessem como isso é errado e perigoso. A vida é feita de viver. E viver é algo que se faz na escola e fora da escola. E a escola não é a coisa mais importante da vida. E muito menos a Universidade é. O mais importante da vida é viver. Aliás, o que é se atrasar na vida? Só há uma

definição boa para “se atrasar na vida”: é morrer sem viver o que se poderia ter vivido. E isso não tem relação com ficar um mês ou um ano sem estudar. Esse, definitivamente, não é o caso! Enquanto não estamos estudando formalmente, precisamos aproveitar a vida para viver, isto é, viver outras coisas além da escola: viver a família, viver as relações, viver as leituras, viver outras formas de aprendizado, viver nossa casa, viver nosso guarda-roupas, viver nosso carro, moto ou bicicleta, viver arte, viver uns desenhos ou umas pinturas, viver umas receitas novas, viver um crochê, um tricô, um tapete, um quadro, viver os amigos, viver inventando modas e descobrindo coisas, viver amor, viver solidão, viver meditar, viver nossa fé, viver umas plantas no quintal ou nos vasos, viver umas flores, viver nosso bicho de estimação, viver escrever um diário, umas poesias ou um romance, mesmo que saia ruim (isso não interessa agora!), viver criar um blog ou um canal de Youtube, viver acordar cedo para ver o Sol nascer ou passar a noite acampado no quintal vendo as estrelas, enfim, “viver”. Viver não é só estudar formalmente. As pessoas têm que tirar da cabeça que estar sem aulas é estar se atrasando na vida. Elas estão vivas e podem estar vivendo intensamente... mesmo sem dinheiro no bolso. A gente não precisa de muito dinheiro para ser feliz e viver intensamente. Sei disso por experiência própria, pois sou de uma família muito pobre de São Paulo. Por toda minha infância e juventude, nunca tive dinheiro (aliás, tive que começar a trabalhar com 5 anos de idade para ajudar na sobrevivência da família), mas, nem por isso, deixei de viver intensamente, criar, aproveitar a vida. Aproveitem para viver! Parem de lamentar a falta de aulas... vivam!

Dê dicas de livros, filmes para que possamos refletir nessa quarentena.

Há quatro livros que eu acho que ajudariam muito as pessoas nos dias de hoje. Já li todos, alguns várias vezes, mas estou refazendo a leitura nesses dias:

Walden (H.D. Thoreau – várias editoras) – um dos livros com mais experiência de vida e algumas das frases mais lindas que já li.

O Cérebro no Mundo Digital (Maryanne Wolf, Editora Contexto) – ajuda a entender as relações entre a tecnologia atual e as consequências disso para nosso cérebro.

Grande Sertão – Veredas (Guimarães Rosa – várias editoras) – é um mergulho maravilhoso na cultura e na linguagem brasileiras, ótimo para descansar a cabeça quente desses dias.

Bíblia Sagrada (40 autores, várias editoras) – Recomendo a versão King James 1611 fiel, pois é a que temos em português com a linguagem mais fiel aos originais. Não há outro livro em que se encontre tanta sabedoria,

compreensão do mundo e esperança, mesmo que o indivíduo seja um ateu. Qualquer pessoa racional e sem preconceitos se rende à beleza e à sabedoria contidas na Bíblia.

Já os filmes... bem, isso é com o Ítalo. Não sou cinéfilo e raramente assisto a algum filme - sem bem que assisti a todos os filmes do Peter Jackson uma dúzia de vezes... É que as séries "O Senhor dos Anéis" e "O Hobbit" são fora do normal, e a versão de King Kong que ele fez também é de outro nível... Ou seja, acho que gosto mais do Peter Jackson do que do cinema em si...

rsrsrsrsrs